

Resenha:
Arte, Clínica e Loucura – Territórios em Mutação, de Elizabeth Araujo Lima. Ed Summus: FAPESP, 2009, p. 246.

Catia Paranhos Martins

Cristina Amélia Luzio

Arte, clínica e loucura são dimensões de uma deliciosa história contada pela Terapeuta Ocupacional Elizabeth A. Lima. O livro, fruto da tese para o doutoramento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, atualiza questões e reinterpreta a arte, a clínica e a vida como experiências de delicadeza¹. Ao explodir blocos monólitos, a autora procura pelas conexões e vizinhanças entre esses campos na busca por traçar um território em que loucos, artistas e clínicos promoveram uma mutação na sensibilidade contemporânea.

Marcado pelo perspectivismo de Nietzsche, o interesse não é por recontar a história hegemônica, mas trazer toda a potência de um pensamento que não busca subsumir um campo ao outro. Elizabeth jogar luz nos momentos em que novas configurações, leituras e sensibilidades foram possíveis de serem reinventadas. Nesse percurso, a cartografia e a arqueologia são combinadas para demarcar tanto os acontecimentos históricos como as forças que se articulam, movendo domínios até então estanques. De forma táctica, utiliza-se dos personagens conceituais de Deleuze, intercessores que tornam possíveis enxergar e criar novos territórios existenciais.

Do fascínio à doença mental, a loucura já ocupou muitos e distintos lugares ao longo da história e Elizabeth se interessa pelas transformações do século XIX ao XX. Um dos personagens conceituais é Qorpo Santo, homem das letras que produziu críticas políticas, anúncios, poemas, peças de teatro, que trabalhou na reforma ortográfica da Língua Portuguesa e criou seu próprio jornal para publicar suas obras. Sofreu no corpo as inúmeras intervenções da Justiça, teve sua sanidade por vezes questionada, até que, interdito, passou a ocupar o triste lugar do louco. A obra produzida no século XIX só ganha reconhecimento cem anos depois e os críticos ainda tentam decifrá-lo.

No início do século XX vindo do velho mundo chega ao Brasil simultaneamente a psicanálise e as tendências da arte moderna. Os novos ventos mudam os rumos da psiquiatria e da arte. O fascínio de Freud pela produção artística o impele a estudar a estética como uma teoria das qualidades do sentir. Entretanto, Freud não compreende o interesse despertado por André Breton e tampouco o surrealismo. Ironicamente, no Brasil é numa revista do modernismo que o primeiro texto de Freud é publicado. O

¹ Para Celso Favaretto, a arte é uma experiência de delicadeza (Isto é arte?, 1999).

movimento, em sua busca pela exterioridade, tem em Mario de Andrade e Oswald de Andrade dois importantes personagens cuja produção foi marcada pelas contribuições da psicologia e da psicanálise. Contudo, quando a crítica os aproxima dos loucos há uma forte reação: “Não somos loucos!”.

Flávio de Carvalho, outro personagem conceitual, leva sua poética a questionar as oposições civilização/barbárie, racionalidade/irracionalidade, e com a “Experiência nº 2” articula o estudo da psicologia das multidões com a experimentação artística. Sua produção sai das molduras do museu e vai à rua, literalmente, caminhar por uma procissão de Corpos Christi com um boné na cabeça.

O período de efervescência da Semana de 22 coincide com a fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental pelos psiquiatras cariocas. Dentre os personagens que aproximam dois domínios até então distintos, há Osório César, psiquiatra e crítico de arte, que altera o campo de visibilidade com a experiência da Escola Livre de Artes Plásticas no Hospital Juqueri – SP. César encontra na arte um modo de reabilitar os doentes mentais ensinando-lhes um ofício.

É 1932 e o Clube dos Artistas Modernos organiza o “Mês dos Loucos e das Crianças”. O psiquiatra Durval Marcondes é convidado a apresentar sua reflexão sobre a psicanálise e, posteriormente, funda a Sociedade Brasileira. A Psiquiatria volta-se à literatura de Machado de Assis, que antecipou os questionamentos sobre o padrão de anormalidade, e considera que somente uma personalidade anormal é capaz de criar tramas como “O Alienista”, por exemplo. Artista e obra são desqualificados, tal como faz o nazismo com Paul Klee e Lasar Segal.

A partir da década de 40, loucura e vanguarda artística ganham novos contornos. No Rio de Janeiro, diferente do que ocorreu em terras paulistas, a ousadia de Nise da Silveira a faz enfrentar a violenta psiquiatria de seu tempo e optar pela terapêutica ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II. Com as atividades expressivas, buscou no diálogo com Jung compreender as mandalas, as figuras sobrepostas, enfim, o aparente caos dos internos. Muito além do mero reflexo de sintomas de um psiquismo doente, Nise encontrou riqueza e o poder de autocura do inconsciente coletivo.

A qualidade dos trabalhos produzidos no Centro Psiquiátrico surpreende a todos, e em 1952 foi criado o Museu do Inconsciente. Os críticos de artes interessam-se pela produção do Engenho de Dentro mais que os psiquiatras. Para autora, essa é uma *experiência dobradiça* que promove inflexões e a arte deixa de ser a expressão de um mundo interno passa a ser instrumento de produção de novos modos de subjetivação. O Museu promove uma ancora à vida, segundo Mario Pedrosa, aos sujeitos marcados pelo total isolamento e ainda aproxima artistas reconhecidos, tal como Palatnik, que após uma visita afirma que seu mundo desmoronou e nada mais poderia produzir.

Estão arte moderna e artistas brasileiros enlouquecendo, tal como Anita Malfatti e seu “Homem Amarelo”? Será Arte, verdadeira, o que se produz no interior do hospital psiquiátrico? Para Favaretto, a questão moderna pode ser formulada como: “então, isso também é arte?” Questionamentos foram feitos pelo público e pelos críticos ora maravilhados, ora desqualificando a produção tanto de loucos como de artistas modernos. As críticas de Mario Pedrosa e Quirino Campofiorito, outros dois personagens, apontam que o debate centrava-se no embate moderno entre a razão e a loucura, entre uma arte aprisionada na razão e a arte como afirmação da diferença.

O caráter estético, a exterioridade com o sistema de arte e a desteritorialização que as obras provocam aproximam personagens conceituais como Lygia Clark e Artur Bispo do Rosário. A artista, que se pretendia terapeuta, toma a obra como ato, não como produto, e ensina que “é preciso absorver o sentido do precário para descobrir, na imanência do ato, o sentido da existência”². Já Bispo, que habitou por 40 anos uma pequena cela de um manicômio, driblou a violência e fez arte com os materiais descartados pelo hospital. Cada um ao seu modo produziu uma marca na cultura.

Sujeitos como Qorpo Santo, Fernando Diniz, Emygdio, Carlos, Bispo do Rosário e tantos outros que resistiram à mortificação dos lugares tristes – como Nise da Silveira se referia aos manicômios – e com suas vidas e obras comportaram o estranho paradoxo onde se localiza tanto a precariedade como a força. Elizabeth proporciona assim uma deliciosa reflexão sobre as linhas que tecem uma clínica como criação, pautada pela *grande saúde* de Nietzsche, ao indagar-se sobre como “pessoas vivendo uma vida que nos parece tão empobrecida tenham tido a força de produzir tanta beleza?”. Do lugar que ocupam na cultura, a beleza e a força desses sujeitos fazem estremecer as bases de uma lógica manicomial e seu modo de lidar com a loucura, a doença e a diferença. Vidas e obras que se confundem ao ilustrar, nas palavras de autora a partir de Deleuze³, “não uma saúde de ferro dominante, mas uma irresistível saúde frágil (...) marcada por um inacabamento essencial que, por isso mesmo, pode se abrir para o mundo; uma saúde que consegue ser vital mesmo na doença”.

O livro, lançado em 2009, destina-se aos que pensam saúde e clínica, e, principalmente, aos que se interrogam sobre o estatuto da alteridade no contemporâneo, uma clínica do presente, segundo Pelbart, orientador da pesquisa e quem assina o prefácio do livro. Talvez essas grandezas justifiquem uma resenha, que para alguns pode ser considerada tardia, mas que para nós a passagem do tempo só atualiza e fortalece as questões trazidas por Elizabeth Lima.

² Lygia Clark, catálogo, 1997.

³ Deleuze, *Crítica e Clínica*, 1997.